

«Deixemos o galego actual para os historiadores da linguagem humana e para os eruditos. Dentro de oitenta ou cem anos o imenso Brasil alcançará 100 milhões de habitantes (...). Eis porquê é preciso que as classes dirigentes da Galiza deixem o galego actual, que muito poucas dessas classes sentem, e quase nenhuma fala na vida ordinária, e cultivem o português, que não será outra cousa que seguir a evolução do nosso idioma regional, detida na Galiza». General Valeriano Vila Nova Rodrigues (Ponte d'Eume, 1865-1943), texto original em castelhano.

EDITORIAL

Quem é Maria Marinho?**Agenda da Real Academia Galega subordina-se à do Estado espanhol | Carvalho Calero e Guerra da Cal, no ostracismo**

Novo Dia das Letras Galegas. Este ano era a vez de umha mulher, assim o marca a agenda política do Estado, que sempre deve ser respeitada. Se fosse homem, havia de ser lutador anti-franquista, e por isso nom foi. Nom vinhesse a ser que a bola fosse cair na casa de Carvalho Calero ou Guerra da Cal, porque muitos mais anti-franquistas nom há entre o 'galeguismo' tornado oficial por esta monárquica Academia Galega.

Gostamos de Maria Marinho, como também de Lúgris Freire, de Lourenço Varela, de Joaquim Lourenço e de Eládio Rodrigues. É claro que gostamos, mas nem por isso podemos calar o que todo o mundo sabe: que esta instituição, a Real Academia Galega, está a obviar as duas obras literárias e científicas mais importan-

tes do pós-guerra: a de Guerra da Cal e a de Carvalho Calero. Agora, o pretexto é dar a conhecer autores e autoras desconhecidas, mas entom qual era o pretexto antes de 2000: homenagear autores sobejamente conhecidos?

Muitas pessoas figérom-se a pergunta que encabeça este editorial. Nós temos resposta: Maria Marinho foi umha excelente poetisa, mas umha péssima dig-

nificadora do idioma. Maria Marinho merece umha e mil homenagens como poetisa, como mulher que escreveu em galego (por pouco que fosse) em tempos difíceis, mas nom merece fazer parte da lista das escusas havidas e por haver para silenciar a obra dos autores e autoras que entenderom que o galego era realmente a língua nacional da Galiza./C



Maria Marinho Carou, autora homenageada pola RAG no Dia das Letras de 2007.

AVANÇO

| INTERNACIONAL |

João Aveledo / Há 16 anos falecia Fidela Bernat (1898-1991), a última falante nativa do dialecto roncalês. A sua morte simbolizava o retrocesso secular do basco, um idioma, em tempos, falado do Ocidente da actual Cantábria ao Leste da Catalunha e desde o Vale do Ebro até o Garona. Classifica-se tradicionalmente em 8 dialectos (alavês, biscainho, guipuscoano, labortano, alto navarro, baixo navarro, suletino e roncalês) seguindo critérios do príncipe Louis Bonaparte (1813-1891), que estudara os diferentes falares de Euskal Herria / (Página 2...)

| PORQUÊ SOU REINTEGRATA |

Raquel Miragaia / Afinal nunca é por um só motivo, as ideias vam-se acumulando, escuitas falar, ficas chocada com algumas explicações na Faculdade... De facto foram aqueles debates na Faculdade de Filologia, em História da Língua, os que me figérom suspeitar que havia algo de errado naquela língua que eu escrevia. / (Página 3...)

FALAMOS DE...

- O EXEMPLO NORMATIVIZADOR da academia da língua basca / 2
- USO CORRECTO dos pronomes e algumas dicas / 3
- O HUMOR de Suso Sanmartin / 3
- RAQUEL MIRAGAIA explica porque é reintegracionista / 3
- FRAGA E FRANCO, membros da Real Academia Galega / 4

ACTUALIDADE LINGÜÍSTICA

▶ **03-04-2007** / Marisol López exige ao Novas da Galiza renunciar ao galego-português para poder assinar convénios.

▶ **04-04-2007** / Voluntariado pola Língua, também em Ponte Areias.

▶ **14-04-2007** / Imaxin desenvolve 1º convertidor livre galego oficialista-português padrão.

▶ **05-05-2007** / Em Ourense, segunda edição do «Festival em Movimento», festa grande da língua.

▶ **01-05-2007** / Começa a distribuir-se nas livrarias «Em trânsito», novo livro de Raquel Miragaia.

▶ **01-05-2007** / Festa do Dezassete em Compostela.

Aprender português em Compostela

Mais oportunidades para aprender português em Compostela, mormente de forma gratuita.

- Casa Latino-Americana na Galiza (r/Sam Lourenço 46). Informação em clamgaliza@hotmail.com ou no 981 591 437.

- A Gentalha do Pichel (r/Santa Clara nº 21). Mais informação em gentalha@agal-gz.org.

- Centro de Línguas Modernas da USC (<http://www.usc.es/idiomas>).

- A Escola Oficial de Idiomas. Informação no 981 55 47 10. /C

ESQUISITICES

“ Al afirmar que el retraso de la lengua gallega nace de su carencia de literatura, no me refiero solamente a las bellas letras. También (...) la conversación entre gentes instruidas, el comercio epistolar (...); y en Galicia esto se hace en Castellano».

EMILIA PARDO BAZÁN, académica honorífica da RAG. 1885

INTERNACIONAL

O euskara batua e a Euskaltzaindia

João Aveledo / (... página 1)

Destes dialectos dous já desapareceram, o roncalês e o alavês. A distância linguística entre eles é tão grande que tem havido filólogos, como Gregório Salvador, que os consideraram como verdadeiros idiomas diferenciados. O próprio Sabin Arana (1865-1903), pai do nacionalismo basco, sonhava com uma espécie de confederação de "herrialdes" bascos, cada um com a sua língua... de facto, este biscainho dificilmente entenderia o "Erronkari'ko uskara" que falava Fidela Bernat.

Para superar o problema que implicava para o processo de normalização linguística a extrema dialetalização (oito dialectos, vinte e

forte tradição "bizkaitarra", acusara o euskara batua de ser artificial e de pôr em perigo a sobrevivência dos dialectos e a diversidade linguística do euskara. No entanto, estes entraves foram superados e o euskara batua acabou por se impor no conjunto de Euskal Herria, um processo de unificação linguística, que foi logo acompanhado por um outro processo que procurava a normalização linguística plena. E se é certo que o processo normalizador avançou de forma desigual nos diferentes territórios, em função do contexto político concreto de cada um, é certo também, que uma situação extremamente crítica há apenas duas décadas oferece hoje evidentes sinais de



Mapa dos dialectos do basco e a sua área de geográfica. Atualmente considera-se extinta a variedade roncalesa.

cinco subdialectos e umas cinquenta variedades!), a Euskaltzaindia (Academia da Língua Basca) convocou em 1968 o Congresso de Arantzazu, do qual sairia o "euskara batua" (basco unificado), um padrom linguístico baseado nos dialectos centrais (os de maior número de falantes), nomeadamente no guipuscoano e no labortano, e elaborado por linguistas como Koldo Mitxelena, Txillardegi, Gabriel Aresti, Fr. Luis Villasante, Jon Etxaide e Jon Mirande.

Mas este processo unificador contou com numerosos inimigos desde o princípio, começando polo próprio nacionalismo basco. Este, de

esperança, sobretudo na Comunidade Autónoma Basca, onde se observa uma clara recuperação do basco entre a mocidade e a infância.

Com o vemo, o processo normalizador do basco foi precedido por um processo normalizador

que superou os velhos preconceitos localistas, comuns a todas as línguas minorizadas. Este labor unificador foi protagonizado pola Euskaltzaindia. Fundada em 1919, para promover o uso do euskara, assim como os estudos filológicos e etimológicos do mesmo, a Euskaltzaindia dispõe de seis comissões de trabalho: lexicografia, gramática, Atlas linguístico, onomástica, literatura e língua falada. Ao longo dos seus anos de existência, a Academia Basca demonstrou um compromisso com o euskara que bem gostaríamos de ver por cá... Já agora, uma das suas últimas decisões foi suprimir a grafia "ñ". /C

HUMOR

| SUSO SANMARTIN |



APONTAMENTOS LINGÜÍSTICOS

A colocação do pronome

E.S.M. / A qualidade das falas galegas está a sofrer tal retrocesso que traços que até agora eram identificados por qualquer pessoa como inequivocamente característicos das mesmas começam a abalar. Um deles é a colocação do pronome, que nomeadamente nos núcleos urbanos, e entre neofalantes e falantes ocasionais, é colocado de modo idêntico ao espanhol. A relaxação perante os problemas lingüísticos levou-nos ao ponto de que se antes era umha dessas cousas que poucas vezes se deixava passar (sempre havia algum ou algumha falante que corrigia a colocação de imediato) agora começa a ver-se com naturalidade entre a própria comunidade galegofalante de origem. De facto, entre estes, som habituais certas fórmulas castelhanizadas há já mais tempo, como 'me parece que' em lugar de 'parece-me que' ou a colocação posposta do pronome com o infinitivo precedido de preposição: 'para dar-lhe' em lugar de 'para lhe dar'. Mas deixemos este último caso para o próximo número, centrando-nos agora na colocação dos pronomes com as formas nom nominais dos verbos (as que nom som nem infinitivo, nem gerúndio nem participio):

As regras, que enumeradas umha por umha parecem mui complicadas, podem realmente resumir-se numha

só: O pronome coloca-se depois do verbo nas frases principais afirmativas neutras...

Dixo-me que vinha antes das dez.

...colocando-se antes nos outros casos: as subordinadas (nom principais, precedidas normalmente de umha conjunção), as negativas e as interrogativas e exclamativas introduzidas por um advérbio interrogativo:

- *Dixo-me que me esperava antes das dez.*

- *Dixo-me quanto me queria.*

- *Nom me dixo que vinha antes das dez.*

- *Que che dixo?*

- *Quantas cousas che dixo?*

Ao lado destes casos existem umhas poucas palavras (ainda que de uso mui freqüente) que exigem a colocação anteposta. Entre outras, som principalmente **alguém, ninguém, todo/a/os/as, ainda, também, sempre, nunca** e assim.

Ninguém me conheceu com esta máscara.

Continuaremos com este assunto no próximo número, mas se começamos por aplicar estas regras já será um pequeno grande avanço. /C

PORQUÊ SOU REINTEGRATA?

= | RAQUEL MIRAGAIA | =

(... página 1)

Sucedeu-me com a língua o mesmo que com a religião, acabei por acreditar que devia ser suspicaz com aquilo que precisava de tanto esforço para captar adeptos e do que havia tanta gente interessada em te convencer.

Lembro que um dia saí duma dessas aulas-debate e aproximou-se umha companheira e deu-me os parabéns por defender tam claramente as ideias reintegracionistas. Sorri e continuei o meu caminho porque nom queria continuar a conversa polos corredores.

Mas fiquei surpreendida. Eu defendera o quê? Hei de reconhecer que me ofendeu, senti como se estivessem manipulando as minhas palavras para os seus objectivos. Na altura nom o sabia, mas já era reintegracionista.

Os factos fulcrais para a mudança vinhérom do lado das emoções. Na mesma altura que os debates na Universidade, eu acreditava em que podia ser boa escritora em galego sem ter lido mais de dez livros nessa língua -contando os lidos por obriga- e trezentos em castelhano. Nunca reparara na possível contradição (tampouco reparara na coragem de acreditar em que podia ser boa escritora, mas prefiro nom deter-me por aqui), mas alguém tivo o bom senso de fazer-me pensar nisso. Entom conheci Pepetela, e Jorge Amado, e Clarice Lispector, e Saramago... Mas conheci em sentido amplo: na sua língua original. E nom só podia ler mas também me sentia reconhecida naquela língua, e aquele registo servia-me para exprimir-me nos meus textos, e estava cómoda com eles, nom notava nenhuma distância própria dos textos em línguas estrangeiras: nem tinha que usar o dicionário! Acho que foi isso o que, na realidade, me acabou de convencer.

[Bem, se hei de ser completamente sincera, e esse é um dos muitos defeitos que me adorna, o que realmente virou as tornas foi um vírus de transmissão sexual. Afinal, no que eu realmente acredito é que o reintegracionismo, como tantas ideologias, é umha doença venérea. Nom há melhor forma de convencer que seduzir, já sabem.] /C

‘Quem’ é a Real Academia Galega?

Ultra-espanholistas e perseguidores do galego como Emilia Pardo Bazán, Manuel Fraga, Francisco Franco ou Camilo J. Cela figuram na ‘nómina’ de académicos nom numerários da RAG

G.U. / Aproveitando que 2006 foi designado como Ano da Memória Histórica, muitas instituições de todo o Estado espanhol decidiram apagar dos seus livros de honra os nomes de insignes fascistas que figuravam neles em lugares de destaque, assim como retirar-lhes qualquer reconhecimento público que lhes tivessem dado. No nosso país encontramos um caso muito singular na Universidade de Santiago de Compostela, que após um processo longo e meticuloso decidia em Novembro do ano passado retirar ao ditador espanhol Francisco Franco o nomeamento como Doutor Honoris Causa que lhe dera em 1965.



Manuel Fraga e Francisco Franco, repressores da nossa língua, continuam como académicos honoríficos.

No entanto, este mesmo exemplo nom foi seguido por umha outra instituição de relevo no nosso país. A Real Academia Galega, pretendo baluarte da gale-

guidade e dos valores da cultura nacional, mantém ainda hoje o ditador fascista como académico nom numerário (à par, por exemplo, dos irmãos Carré Alvarelos ou Teófilo Braga). Nom apenas continua o Franco figurando nesse lugar de destaque para a história, mas tampouco houve no seio da Academia, que trascendesse, qualquer debate sobre a idoneidade de retirar o nomeamento.

Infelizmente, nom se trata da única ‘surpresa’ que podemos encontrar com umha simples consulta no web da RAG (<http://www.realacademiagalega.org>). A ultra-espanholista Emilia Pardo Bazán também é acadêmica nom numerária.

A condessa espanhola foi umha das impulsoras da criação da Academia, e ainda hoje em dia a Fundación Emilia Pardo Bazán continua colaborando economicamente na manutenção da instituição.

Para nom resultarmos maçadores, encerramos esta lista com apenas dois

nomes mais: Manuel Fraga Iribarne e Camilo José Cela Trulock. Embora no caso da Pardo Bazán se podam atopar justificações (mormente económicas), nom parece



A ultra-espanholista Emilia Pardo Bazán é mais umha ‘ilustre’ académica da RAG.

haver explicação para duas pessoas que nunca se caracterizaram pola sua galegidade e apoio aos valores nacionais figurarem com tal reconhecimento.

Provavelmente a Real Academia Galega nom procedeu à celebração do Ano da Memória Histórica porque estava demasiado ocupada com os festejos do seu centenário... Já se sabe que é muito complicado atender a mais de umha cousa ao mesmo tempo! No entanto, acreditamos que este 2007 a RAG decidirá pôr-se ao dia e efetivizará umha necessária ‘revisom académica’. E se para esta tarefa precisarem ajuda, bem sabem que por cá ficamos para ajudar no que modestamente pudermos. /C